

Variação sintática e mudança paramétrica

Maria Eugênia Lamoglia Duarte

Resumo

O presente trabalho argumenta, com base em evidência empírica, a favor da hipótese de que a aquisição da sintaxe nuclear num sistema que passa por mudança paramétrica envolve a aquisição de uma regra variável e não a de uma regra categórica, mostrando que essa variação pode ser mensurada através de pesos relativos. Para tanto, utiliza resultados relativos à expressão do sujeito pronominal e do objeto direto anafórico no português adquirido como L1 e como L2.

Palavras-chave: variação sintática; parâmetro do sujeito nulo; parâmetro do objeto nulo; mudança paramétrica.

1 Introdução

A motivação para este trabalho vem da afirmação de HENRY (1993, pág. 284), segundo a qual os mecanismos envolvidos na aquisição da fonologia, morfologia e léxico são diferentes daqueles envolvidos na aquisição da sintaxe nuclear, ou seja, na aquisição da gramática de uma língua. Segundo a autora, enquanto a primeira situação está relacionada à aquisição de regras variáveis, passíveis de mensuração por programas matemáticos, a segunda depende muito pouco de *input*, estando mais relacionada a propriedades inatas e específicas de cada língua ao invés de fenômenos variáveis. Em outras palavras, a autora defende que "a variabilidade está restrita a certos aspectos da língua" não estando presente na gramática nuclear, uma vez que a fixação de parâmetros envolve regras categóricas e não valores probabilísticos.

Meu propósito é mostrar que a afirmação de Henry deixa de levar em conta a aquisição em contexto de mudança paramétrica. Meu argumento é que, assim como em qualquer processo de mudança, a mudança paramétrica pressupõe a coexistência de duas variantes (usando os termos de LABOV, 1972) ou de duas gramáticas (usando os termos de KROCH, 1989) em competição. Isso significa que, enquanto a nova marcação do parâmetro não se fixar no sistema, a sintaxe exibirá variação da mesma maneira que a fonologia. E uma criança ou um adulto que estiver adquirindo tal sistema terá forçosamente que lidar com pesos relativos.

O quadro teórico que orienta o trabalho se insere no que tem sido referido como Sociolinguística Paramétrica ou Variação Paramétrica (Kato, 1999; Ramos, 1999; Duarte, 1999), que associa pressupostos teóricos da Teoria da Variação ou Sociolinguística (Weinreich, Labov & Herzog, 1968; Labov, 1972) e da Teoria de Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1981). Este texto está organizado da seguinte maneira: na seção seguinte são apresentados os dois fenômenos sintáticos em processo de mudança no português brasileiro que serão utilizados no desenvolvimento do trabalho, além da procedência dos dados analisados; a seção 3 apresenta os resultados das análises variacionistas que permitem observar a mensurabilidade das diferentes variantes em competição; em 4, aparecem as considerações finais.

2 Os fenômenos sintáticos focalizados

O português brasileiro passa por duas significativas mudanças sintáticas relacionadas à representação do sujeito pronominal e do objeto direto anafórico. No primeiro caso, está evoluindo de língua positivamente marcada em relação ao Parâmetro do Sujeito Nulo para negativamente marcada (cf. DUARTE, 1995), afastando-se do português europeu, do espanhol e do italiano; no segundo caso, está preferindo a representação do objeto direto anafórico por uma categoria vazia em detrimento do uso do clítico acusativo (cf. DUARTE, 1986, 1989 e CYRINO, 1997), distanciando-se das demais línguas românicas. Ambas as mudanças em progres-

so ilustram uma típica situação em que uma regra obrigatória - o sujeito nulo como opção não marcada, no primeiro caso, e o uso do clítico acusativo, no segundo - se torna opcional.

Em conseqüência, não há hoje no português brasileiro um só contexto em que o sujeito nulo referencial seja obrigatório ou ocorra categoricamente. Quanto ao clítico acusativo, seu uso está limitado à fala dos escolarizados e, mesmo assim, em índices sempre abaixo de 5%, como atestam inúmeros trabalhos (cf. entre outros, OMENA, 1978; Pará, 1997 e AVERBUG, 1998, sobre a fala do Rio de Janeiro; DUARTE, 1986, 1989, sobre a fala paulistana; MALVAR, 1992, sobre a fala do Distrito Federal; LUÍZE, 1997, sobre a fala de Santa Catarina; ALENCAR, 1998, sobre a fala de Porto Alegre). Na língua escrita, o trabalho de tentativa de recuperação do clítico mostra êxito relativo, uma vez que tal recuperação é apenas parcial, com outras formas alternativas - como o uso de SNs anafóricos e do objeto nulo - concorrendo com a variante considerada padrão (cf. a esse respeito os trabalhos de CORRÊA, 1991 e AVERBUG, 2000). Assim, à medida que novas gerações vão adquirindo o nosso sistema, variável em relação a esses dois aspectos, a mudança vai sendo implementada em direção ao sujeito preenchido e ao objeto nulo.

Ora, a aquisição dessas duas variáveis reflete exatamente essa competição de formas variantes, e, como em qualquer processo de mudança em progresso, o avanço de uma delas em relação às demais pode ser mensurado através de pesos relativos. É o que será mostrado na seção seguinte.

Os dados que ilustram os dois fenômenos vêm da comparação do português nativo de adultos, adquirido portanto como L1, com o português adquirido como L2. A amostra para a análise do português nativo tem duas diferentes fontes: para o exame da realização do sujeito pronominal, os dados vêm de gravações da fala de informantes com nível superior de escolaridade, que fazem parte do acervo do Projeto NURC-RJ (DUARTE, 1995), enquanto para a realização do objeto são utilizados dados da fala paulistana (DUARTE, 1986, 1989). A amostra de L2 vem da variedade adquirida por índios de diferentes tribos do Xingu, como conseqüência de seu contato com os funcionários do Posto da FUNAI (DUARTE, 1997), sendo geralmente referida como Amostra Emmerich (cf. EMMERICH, 1984).

3 A análise

3.1 A representação do sujeito pronominal

Começamos pelo exame do uso variável do sujeito pronominal nulo/pleno na amostra da fala culta carioca. Em (1a) e (1b) temos casos típicos de sujeitos nulos em estruturas subordinadas com sujeitos correferentes e em (1c), um trecho com sujeitos nulos identificados por um claro tópico discursivo.

- (1) a. Ele_i tremeu quando ____i foi tirar a foto lá do cara.
 b. Se eu_i via um homem no elevador, ____i baixava os olhos.
 c. A garota_i é nova. ____i Abandonou profissão pra se dedicar ao marido. ____i Teve filho. É medo de ficar sozinha, entendeu?

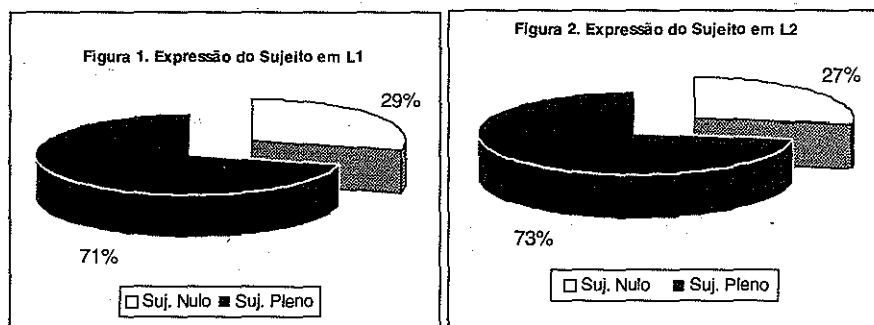
Esse procedimento, que constitui a forma não marcada numa língua de sujeito nulo e é, de fato, a opção natural dos falantes de tais sistemas (cf. DUARTE, 2000), já não é o que o falante do português brasileiro prefere. Nos exemplos em (2), a seguir, os mesmos contextos exibem sujeitos preenchidos, numa clara demonstração da variabilidade que caracteriza o período que antecede uma mudança paramétrica:

- (2) a. De repente ela_i sabe que ela_i quando criança ficava meio triste por isso.
 b. A casa_i virou um filme quando ela_i teve de ir abaixo.
 c. Nova Trento_i é do tamanho da rua São Clemente de Botafogo. Ela_i é desse tamanho. Ela_i não tem paralelas.

A mesma variação pode ser vista no português adquirido como L2 pelos índios brasileiros. Em (3) temos sujeitos nulos e em (4) sujeitos plenos nos mesmos contextos sintáticos:

- (3) a. Aí Rui_i diz que ____i foi lá no Santo André procurar eu.
 b. Agora, ____i comecei a freqüentar o Posto quando ____i era pequeno.
 c. E no outro dia, ele_i saiu de madrugada. ____i Foi pra lá. ____i Chegou no lugar que ele encontrou o tronco.
- (4) a. Quando ele_i chegou lá com avião, ele_i me falou: "Cumé? Preparou?"
 b. Quando ele_i viu, primeiro ele_i não pescou não.
 c. O índio_i que sabe ler um pouco ele_i explica que remédio que é aquele.

Os dois gráficos a seguir exibem os percentuais obtidos nas duas amostras para sujeitos nulos e plenos. Observe-se a proximidade nos resultados. Para o português como L1 temos 29% de sujeitos nulos contra 71% de sujeitos preenchidos; para L2, 27% versus 73%, ou seja, a nova variante – o sujeito preenchido – já supera em muito a antiga.



Os percentuais e alguns dos fatores selecionados como favorecedores à ocorrência de sujeitos preenchidos revelam uma impressionante semelhança. As duas tabelas a seguir apresentam os resultados para um condicionamento semântico, dois estruturais e um extralingüístico:

Tabela 1. Fatores selecionados para sujeitos plenos – L1

Variáveis	Fatores	Ap/Total	%	PR
Traço Semântico do Referente	[+animado]	218/320	68	.59
	[-animado]	91/162	56	.39
Estrutura do Sintagma Flexional (IP)	Negação	131/206	64	.40
	Advérbios Aspectuais	65/102	63	.48
	Nenhum Elemento	749/1097	72	.52
Correferência em Subordinadas	Sim	147/217	68	.32
	Não	166/188	86	.64
Faixa Etária	25 - 35 anos	359/458	78	.59
	36 - 45 anos	349/475	73	.54
	< 46 anos	359/491	61	.38

Tabela 2. Fatores selecionados para sujeitos plenos – L2

Variáveis	Fatores	Ap/Total	%	PR
Traço Semântico do Referente	[+animado]	213/296	72	.56
	[-animado]	1/20	5	.03
Estrutura do Sintagma Flexional (IP)	Negação	49/85	58	.29
	Advérbios Aspectuais	21/31	68	.44
	Nenhum Elemento	500/662	76	.53
Correferência em Subordinadas	Sim	58/77	75	.39
	Não	64/75	85	.62
Nível de Fluência	Nível 1	221/248	85	.56
	Nível 2	160/263	61	.31
	Nível 3	199/267	75	.53

As tabelas revelam que a atuação do traço [+animado], da ausência de elementos entre sujeito (Especificador de IP) e verbo (T⁰), e a ausência de correferência entre sujeitos são fatores que favorecem o preenchimento, com pesos relativos quase idênticos nas duas amostras analisadas. No caso do fator extralingüístico, temos para L1 a atuação das faixas mais jovens favorecendo o preenchimento, o que se espera em um processo de mudança, enquanto que, para L2, temos os falantes do nível 2 de fluência como os mais resistentes ao preenchimento do sujeito. Não se pode descartar aqui alguma possível influência do substrato, uma vez que os falantes deste grupo pertencem a uma tribo diferente dos demais (Yawalapiti). Este trabalho, entretanto, nada pode dizer a esse respeito. O certo, porém, é que estamos diante de um fenômeno que é a um só tempo variável e envolve a gramática nuclear, o que significa dizer: o aprendiz não lida com regras categóricas; ao contrário, adquire um sistema variável que se pode medir por pesos relativos. E é justamente a evolução desses pesos que nos permite dar conta do progresso da mudança.

3.2 A representação do objeto direto anafórico

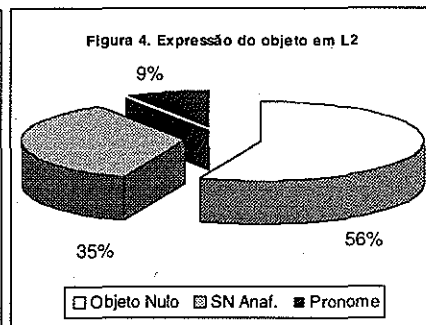
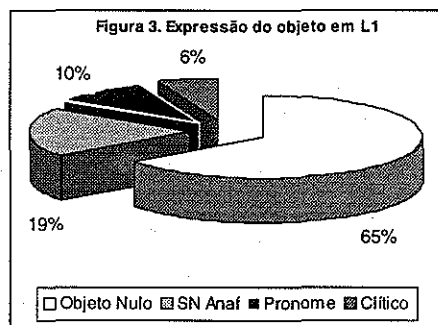
Passemos ao exame da expressão do objeto direto anafórico. Os exemplos a seguir ilustram as estratégias para essa representação em L1: uso do clítico acusativo (5a), do pronome nominativo (5a,b), do objeto nulo (5b,c) e do SN anafórico (5d):

- (5) a. Mas a N_i é uma pessoa muito difícil. Olha, eu conheço **ela**, há mais de vinte anos. Eu a_i conheço desde que eu vim pra cá.
 b. É como diz o N_i ; quando eu conheci $__$, ele não sabia dançar. Fui eu que ensinei **ele**, a dançar.
 c. **A saia**, tava batendo aqui. O dia que eu comprei $__$, eu não experimentei $__$.
 d. Aí, o pai da **Dondinha** manda a **Dondinha** entrar.

Com exceção do uso do clítico acusativo, hoje produto de recuperação (parcial e imperfeita) pelo processo de escolarização, os dados de L2 apresentam as mesmas estratégias, ilustradas em (6):

- (6) a. Aí, como **ele**, pediu, eu ajudei **ele**.
 b. **Ele**, tava com roupa vermelho. Aí, eu viu $__$.
 c. (**Ele**) proibía comida, fecha **cozinha**. Bom, deixa **ele**, fechar $__$.
 d. Todo mundo pegava **esses peixinho pequeno**. Comia **peixinho pequeno**.

Os gráficos a seguir exibem os percentuais obtidos para cada estratégia.



O predomínio do objeto nulo (65% e 56%) e a semelhança no percentual de uso do pronome nominativo nas duas amostras não deixam dúvidas sobre a regularidade na evolução do fenômeno no português brasileiro. Essa regularidade fica ainda mais evidente quando se examinam alguns dos condicionadores selecionados para a realização do objeto nulo em L1 e L2, mostrados nas tabelas abaixo:

Tabela 3. Fatores selecionados para a realização do objeto nulo em L1

Variáveis	Fatores	Apl./Tot.	%	P.R.
Traço Semântico do Referente	[+ animado]	92/196	47	.36
	[- animado]	236/306	77	.59
Transitividade	V + OD (+ OI)	254/373	68	.51
	V + OD + PRED	66/98	67	.57
	V + OD + SUBORD	8/31	26	.22
Faixa Etária	25 - 35 anos	70/139	50	.36
	36 - 45 anos	127/159	80	.63
	< 46 anos	131/204	64	.49

Tabela 4. Fatores selecionados para a realização do objeto nulo em L2

Variáveis	Fatores	Apl./Tot.	%	P.R.
Traço Semântico do Referente	[+ animado]	89/200	44	.39
	[- animado]	254/408	62	.56
Transitividade	V + OD (+ OI)	291/533	55	.47
	V + OD + PRED	44/58	76	.74
	V + OD + SUBORD	8/17	47	.50
Nível de Fluência	Nível 1	157/247	64	.57
	Nível 2	128/229	56	.48
	Nível 3	58/132	44	.40

Como se pode observar, nas duas variedades o traço semântico [-animado] favorece o objeto nulo com pesos relativos muito próximos (.59 e .56). O mesmo ocorre em relação às estruturas em que o verbo projeta um objeto e um predicativo do objeto. Finalmente temos os pesos para um fator extralingüístico a condicionar o uso do objeto nulo: os falantes na faixa etária intermediária na amostra de L1 e os falantes do nível 1 na de L2

4 Considerações finais

Os resultados permitem mostrar que toda mudança, em qualquer nível da gramática, pressupõe variação e que o indivíduo que adquire um sistema gramatical em mudança é sensível às nuances que envolvem o processo. Assim, é possível dizer que, embora as afirmações de HENRY (*op.cit.*) possam estar corretas em relação a aspectos estáveis de um sistema lingüístico, os mecanismos envolvidos num sistema que se encontra em mudança sintática requerem a aquisição de regras variáveis. À medida que os pesos relativos para uma determinada variante decrescem, ela já não será robusta o bastante para ser "adquirida" (LIGHTFOOT, 1991), devendo ser "aprendida" via escola. Este é o caso do clítico acusativo no português brasileiro hoje. E este será seguramente o caso do sujeito nulo referencial no futuro.

Abstract

The present paper argues that acquisition of core syntax in systems undergoing parametric change involves the acquisition of a variable rule rather than a categorical rule, and shows that such a variation can be measured through relative weights. Empirical evidence comes from results of analyses on the representation of the pronominal subject and of the anaphoric object acquired as L1 and as L2.

Keywords: syntactic variation; null subject parameter; null object parameter; parametric change.

Referências

- ALENCAR, Maria das Graças de. *Estudo comparativo da sintaxe pronominal em São Paulo e Porto Alegre*. Dissertação de Mestrado: UNICAMP, 1998.
- AVERBUG, Mayra C. G. *Objeto direto anafórico e sujeito pronominal na escrita de estudantes*. Dissertação de Mestrado: UFRJ, 2000.
- _____. Objeto direto anafórico: variação na produção oral e escrita e influência do ensino. *Anais do VII Congresso da ASSEL-RIO*, 1998. p. 680-687.
- CORRÊA, Vilma R. *Objeto direto nulo no português do Brasil*. Dissertação de Mestrado: UNICAMP, 1991.
- CYRINO, Sônia M. L. *O objeto nulo no Português do Brasil*. Londrina: Ed. da UEL, 1997.
- DUARTE, M. Eugênia L. *Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil: variação e sintaxe*. Dissertação de Mestrado: PUC-SP, 1986.
- DUARTE, M. Eugênia L. Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil. In: TARALLO, Fernando (org.) *Fotografias sociolinguísticas*. Campinas: Pontes, 1989. p. 19-34.
- DUARTE, M. Eugênia L. *A perda do princípio "Evite Pronome" no português brasileiro*. Tese de Doutorado: UNICAMP, 1995.
- DUARTE, Maria Eugênia L. A aquisição do sujeito pronominal no Português de Contato. In: RONCARATI, Cláudia & MOLLICA, Maria Cecília (orgs.) *Variação e aquisição*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997. p. 43-64.
- DUARTE, Maria Eugênia L. The loss of the avoid pronoun principle in Brazilian Portuguese. In: M. A. KATO, Mary A. & NEGRÃO, E. V. (orgs.)

- Brazilian Portuguese and the null subject*. Frankfurt am Main: Vervuert Verlag, 2000. p. 17-36.
- EMMERICH, Charlotte. *A língua de contato no Alto Xingu – origem, forma e função*. Tese de Doutorado. UFRJ. 1984.
- HENRY, Alison. Variability and language acquisition. In CLARK, E. (ed.) *The proceedings of the twenty-fifth annual child language research forum*, Stanford: Stanford University, 1993. p. 120-186.
- KATO, Mary. Os frutos de um projeto herético: parâmetros na variação intra-lingüística. In: HORA, Demerval & CRISTIANO, E. (orgs.) *Estudos lingüísticos: realidade brasileira*. João Pessoa: Idéia, 1999. p. 95-106.
- KROCH, Anthony. Reflexes of grammar in patterns of language change. *Language Variation and Change*, v.1, n. 3, p. 199-244, 1989.
- LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LIGHTFOOT, David. *How to set parameters*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1991.
- LUÍZE, Terezinha B. *Entre o PE e o PB: o falar açoriano de Florianópolis*. Dissertação de Mestrado: UFSC, 1997.
- MALVAR, Elisabete da S. *A realização do objeto direto de 3ª pessoa em cadeia anafórica no português do Brasil*. Dissertação de Mestrado: UnB, 1992.
- OMENA, Nelize Pires de. *Pronome pessoal de terceira pessoa: suas formas variantes em função acusativa*. Dissertação de Mestrado: PUC-RJ, 1978.
- PARÁ, Mara L. D. *Estratégias de representação do objeto direto correferencial: um estudo variacionista*. Dissertação de Mestrado: UFRJ. 1997.
- RAMOS, Jânia. Sociolingüística paramétrica ou variação paramétrica? In: HORA, Demerval & CRISTIANO, E. (orgs.) *Estudos lingüísticos: realidade brasileira*. João Pessoa: Idéia, 1999. p. 83-94.
- WEINREICH, Uriel; LABOV, William & HERZOG, Marvin. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMAN, W. & MALKIEL, Y. (eds.) *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968. p. 97-195.